



A URGÊNCIA DE OUTRAS VISÕES SOBRE AS JUVENTUDES NEGRAS NO BRASIL

*Juliano Gonçalves Pereira*¹

*Mário Fernandes Rodrigues*²

*Ana Paula Nogueira Nunes*³

*Brás da Costa Guimarães Júnior*⁴

*Flávia Dias Freitas*⁵

*Janaine dos Anjos Ferraz*⁶

*Samara da Silva Marques*⁷

*Luiz Alberto Oliveira Gonçalves*⁸

Resumo: Este texto visa estimular outras leituras e pesquisas sobre as Juventudes Negras brasileiras. Nessa perspectiva, valendo-se dos pressupostos da crítica decolonial, questionamos os pensamentos analíticos/críticos sobre a Sociologia da Juventude que insistem em reproduzir experiências sociais negativas que determinam e disseminam

¹ Doutorando da Faculdade de Educação/FAE da Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG e membro do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas da UFVJM. E-mail: juliano.afro@gmail.com

² Docente da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri/UFVJM e membros do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas da UFVJM. E-mail: fmario1@gmail.com

³ Docente da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri/UFVJM e membros do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas da UFVJM. E-mail: anapaulannunes01@gmail.com

⁴ Discente do Curso de História da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri/UFVJM e membros do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas da UFVJM. E-mail: thebrasibvb@gmail.com

⁵ Discente do Curso de História da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri/UFVJM e membros do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas da UFVJM. E-mail: flaviadifreitas@gmail.com

⁶ Discente do Curso de História da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri/UFVJM e membros do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas da UFVJM. E-mail: janaineferraz.ufvjm@hotmail.com

⁷ Discente do Curso de História da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri/UFVJM e membros do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas da UFVJM. E-mail: samara_smarques@hotmail.com

⁸ Docente da Faculdade de Educação/FAE da Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG. E-mail: laog5@oi.com.br



representações estereotipadas dos jovens negros. Assim, a ideia de Juventudes Negras no plural é apresentada para ressaltar suas diversidades, bem como são seus repertórios. Questionamos ainda as representações veiculadas no país que não retratam a totalidade das experiências deste segmento. Desse modo, as definições que associam esta parcela da juventude a um passado escravocrata e a associa aos indicadores de vulnerabilidades sociais, especialmente à pobreza e à violência letal, são aqui problematizadas.

Palavras-chave: Juventude Negra; Juventudes Negras; Representações; Decolonialidade.

THE URGENCY OF OTHER IDEAS ABOUT BLACK YOUTH IN BRAZIL

Abstract: This text aims to stimulate further reading and research on Brazilian Black Youth. From the decolonial critique, we continue analytical / critical thoughts about the Sociology of Youth, insisting on reproducing the negative social experiences of this segment, which determines their representations. The idea of Black Youth in the plural is presented to highlight their diversities, as well as their repertoires. We question the massively transmitted representation in the country, which does not portray the totality of the experiences of this follow-up. The definitions that associate this part of youth with a slave-like past, and associate them with indicators of social vulnerability, especially poverty and lethal violence, are here problematized.

Keywords: Black Youth, Black Youth, Representations, Decoloniality.

LA URGENCIA DE OTRAS IDEAS SOBRE LAS JUVENTUDES NEGRAS EN BRASIL

Resumen: Este texto pretende estimular otras lecturas e investigaciones sobre la Juventudes Negras brasileña. A partir de la crítica decolonial, damos continuidad a pensamientos analíticos / críticos sobre la Sociología de la Juventud, insistente en reproducir las experiencias sociales negativas de este segmento, lo que determina sus representaciones. La idea de Juventudes Negras en el plural es presentada para resaltar sus diversidades, así como son sus repertorios. Se cuestiona la representación masiva que se transmite en el país, que no retrata la totalidad de las experiencias de este seguimiento. Las definiciones que asocian esta parte de la juventud a un pasado esclavocrata, y los asocian a los indicadores de vulnerabilidades sociales, especialmente la pobreza y la violencia letal, es aquí problemático.

Palabras Clave: Juventud Negra, Juventudes Negras, Representaciones, Decolonialidad.

L'URGENCE D'AUTRES IDEES SUR LA JEUNESSE NOIRE AU BRESIL

Résumé: Ce texte vise à stimuler la lecture et la recherche sur la jeunesse noire brésilienne. De la critique décoloniale, nous poursuivons nos réflexions analytiques / critiques sur la sociologie de la jeunesse, en insistant sur la reproduction des expériences sociales négatives de ce segment, qui détermine leurs représentations. L'idée des Juventudes Negras au pluriel est présentée pour mettre en valeur leurs diversités, ainsi que leurs répertoires. Nous remettons en question la représentation massivement transmise dans le pays, qui ne décrit



pas la totalité des expériences de ce suivi. Les définitions qui associent cette partie de la jeunesse à un passé d'esclave et les associent à des indicateurs de vulnérabilité sociale, en particulier de pauvreté et de violence meurtrière, sont ici problématisées.

Mots-clés: jeunesse noire, jeunesse noire, représentations, décolonialité.

INTRODUÇÃO

Sabe qual é o negro mais bonito do mundo? É aquele que tem consciência de suas raízes, de suas origens culturais. É aquele que tem a atitude de quem sabe que é ele mesmo, e não um outro determinado pelo poder branco.

Lélia González (1935-1994)

A vida social nos centros urbanos tem sido mediada cada vez mais por aparelhos tecnológicos. A internet alterou o cotidiano das sociedades e o smartphone tornou-se um dispositivo indispensável; a ponte que nos mantém conectados ao mundo virtual, àquela dimensão que Manuel Castells (2002) chamou de *Sociedade em Redes*. A sociabilidade, nesse contexto, sobretudo para os jovens, é quase sempre produzida por intermédio de aplicativos. Essa postura, ao nosso ver, tem reeducado e redefinido a forma de interação social líquida e dinâmica que analisamos neste trabalho.

Nesse contexto, a internet revolucionou a maneira pela qual comunicamos e comportamos socialmente. E a juventude, decerto, é o segmento que mais aparece exposto nas plataformas virtuais. A exibição dos jovens no ambiente virtual tem nos permitido identificar a diversidade de suas experiências, o que exige outras leituras sociológicas, fora dos padrões históricos e hegemônicos.

Neste artigo, ainda que de forma tímida, questionamos essas outras possibilidades de abordagens sobre as experiências da Juventude Negra que, comprometidas com os interesses dos povos negros, possam nos ajudar evidenciar uma parte negligenciada das escrivências que se amontoam dentro desses sujeitos, como amontoados são os barracos nas favelas deste



país, ou suas experiências de vida que não se resumem apenas em ações negativas⁹. Para isso, recorreremos às memórias, delícias e sabores da experiência Negra.

Embora uma incontável quantidade de vídeos na internet estejam comprometidos em denunciar a situação de vulnerabilidade e violência sobre as Juventudes Negras, grupos e coletivos de mulheres negras, canais independentes se dedicam a fazer circular outras experiências que não se explica ou descreve, como o calor nas batalhas de rap, o aroma dos saraus de poesias, as músicas autorais que falam de vida e amor, uma larga produção orgânica da População Jovem Negra.

Estes acontecimentos provam que no mesmo momento em que os Direitos Humanos são violados e a violência é perpetrada nas periferias negras deste país, experiências exitosas e positivas também ocorrem e se acumulam. Pela arte, militância política, educação colaborativa e compartilhada ou pela religiosidade inclusive, esta população vai desenhando sua experiência social no Brasil. Vale ressaltar que tais ações não são um fenômeno atual ou experiências isoladas. A criatividade em costurar a vida negra no Brasil antecede a temporalidade colonial, pois os valores civilizatórios afro-brasileiros¹⁰, são herança negra africana no Brasil, revelando a capacidade histórica e habilidade para superar os fenômenos sociais perversos que recaem sobre o corpo negro, como a realidade da violência letal.

O conjunto das experiências que relatamos pretende somar e fortalecer estratégias históricas e revolucionárias que nos antecedem, pautadas em ações coletivas como “Orgulho Negro”, “100% Negro” e “Movimento Black Power” que apostaram no discurso e pedagogias contra-hegemônicas das representações sociais dos negros no Brasil, para disputar as representações históricas e perversas que se mantêm insistentes sobre a população negra brasileira.

Pela musicalidade¹¹ é possível observar a alegria desta experiência. Para uma parte da Juventude Negra nas periferias dos centros urbanos, a música já supera o futebol como meio capaz de alterar realidades sociais e econômicas. Através da música, jovens negras e

⁹ Trecho adaptado de Conceição Evaristo em “Becos da Memória” livro de corte tanto biográfico quanto memorialístico, chama de escrevivência, a escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil.

¹⁰ Azoilda Trindade. Os Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros. Caderno 1 Modo de ver. A Cor da Cultura. http://www.acordacultura.org.br/sites/default/files/kit/Caderno1_ModosDeVer.pdf

¹¹ Valor Civilizatório Afro-Brasileiro. Azoilda Trindade. A Cor da Cultura.



jovens negros se expressam, representando seus cotidianos e territórios, seja em forma de entretenimento ou mesmo de protesto.

*Konzilla Filmes*¹², maior produtora de conteúdo audiovisual de música eletrônica de periferia do Brasil, é exemplo dos espaços ocupados pela juventude negra contemporânea. Criado em 2012 por um jovem negro, a produtora é atualmente o canal de música mais acessado na América Latina. Tem reconhecimento mundial pela sua audiência de mais de 1 bilhão de visualizações mensais dos vídeos publicados na internet. Nesse campo, cantoras como Ludmila, Carol ConKá, MC Sofia e Iza, são alguns dos nomes atuais em destaque no cenário nacional, sem contar uma infinidade de cantores de Rap e Funk desconhecidos pela mídia aberta, que fazem sucesso entre o segmento juvenil e conseguem viver de sua música.

Sem dúvidas, esses exemplos nos conduzem à percepção de que as periferias têm se tornado territórios mais acessíveis e consumidos com o uso da internet. Nelas, as condições juvenis vêm sendo alteradas com os jovens exportando desses espaços modas, culturas, culinárias e revelando para quem quiser ver, os variados contextos e as inúmeras experiências dos sujeitos negros no Brasil e no mundo. De modo que as diversas e distintas experiências juvenis nos dão pista da necessidade de compreendamos e tratarmos o substantivo *juventude* no plural: Juventudes e Juventudes Negras.

Acreditamos ser esse termo o mais adequado ao nos dirigirmos aos sujeitos negros em suas pluralidades. Tal compreensão altera a forma reduzida de pensar e analisar esse segmento, pois descortina que no mesmo território coexistem experiências distintas, muito embora historicamente e cognitivamente associamos apenas um tipo de experiência às negras e aos negros, o que acaba por reforçar representações negativas desses sujeitos.

Vale ressaltar, nesse horizonte epistêmico, que nem todas as Juventudes Negras são cooptadas pelo crime, nem todos são potenciais traficantes, passam por necessidades financeiras, têm pouca escolarização, usam drogas, sobretudo, nem todos estão marcados para morrer (GONÇALVES, 2019, ONAI LUJ, 2016, 2013, CANO, 2007, 2001, ZALUAR,

¹² Konzilla é atualmente o maior canal no YouTube do Brasil e o terceiro maior canal musical do mundo em número de assinantes. Ele chegou a marca de 26,8 milhões de seguidores. A estratégia de gravar as músicas da periferia se tornou febre entre a juventude da periferia de São Paulo, se espalhou pelo Brasil e hoje chega a qualquer lugar do mundo. Konrad Cunha Dantas ou Konzilla, é um homem negro que um dia foi jovem de periferia que e começou desenhando capas de CDs e virou o principal 'cineasta' do funk de São Paulo e é atualmente o maior influenciador musical da juventude da América Latina (EXAME, 2018).



2004). Muitos jovens em territórios violentos gozam de experiências simples e cotidianas, como tempo para estudar, para praticar o lazer e consumir entretenimento. Muitos têm acesso à alimentação saudável, vivem em casa própria e são bem educados. Muitos são instruídos e conseguem produzir leituras críticas da sociedade, bem como acessam programas educativos que estimulam o uso da imaginação e da criação.

Contudo, a Juventude Negra exposta nos estudos sobre a violência no país é apontada como alvo central de homicídio, ou uma “juventude perdida”, embora este contingente represente uma pequena parcela do segmento das Juventudes Negras. Este contingente requer cuidados específicos e políticas públicas eficazes no controle e combate dos indicadores negativos, mas não pode ser tomado como sendo a representação de todas as Juventudes Negras. Assumir essa prerrogativa é aceitar apenas parte da experiência desse segmento.

Nessa perspectiva, ao refletirmos sobre a contenção dos elevados índices de homicídio no país, torna-se necessário destacarmos o grupo prioritário para que sejam construídas políticas afirmativas e medidas de contenção desse fenômeno desumano e evitável. O que não se pode mais aceitar é a definição das Juventudes Negras pelo discurso único da violência, como se todas e todos desse segmento tivessem uma única experiência, a de vulnerabilidades.

Não queremos negar a importância da denúncia e dos estudos que descortinam a lamentável e drástica situação a que chegamos no país, com quase 63 mil casos de homicídios contabilizados somente no 2016, sendo que a grande desses praticados contra adolescentes e jovens negros. Porém nos desafiamos no limite deste artigo a conjecturar outras lógicas que também recaem sobre esses sujeitos e que servem de mote para a disputa das representações históricas e hegemônicas sobre os povos negros no Brasil.

Ademais, este artigo é escrito a partir de uma pequena amostra desse segmento, composta por acadêmicos universitários do interior de Minas Gerais, alguns oriundos de grandes centros urbanos, homens e mulheres, gays e heterossexuais, religiosos e ateus, artistas e militantes, uma amostra que revela em si, a diversidade deste segmento e sua infinidade de experiências, de vulnerabilidades, mas também de alegrias e sabores de serem jovens negros.



Lúcia Xavier (2012), ativista e intelectual negra fundadora da ONG Criola¹³, destaca a forma equivocada como compreendemos e tratamos socialmente as mulheres negras no Brasil. Ressalta que é preciso desconstruir as representações negativas sobre este segmento, pontua a importância de problematizar o lugar de vítima que muitos pesquisadores, pesquisadoras e ativistas as colocam, até podermos pensá-las e compreendê-las como cidadãs, como parte do processo de desenvolvimento e construção da democracia, da riqueza do mundo, para assim conseguir alcançar uma sociedade mais justa e equânime. Este mesmo raciocínio vale para as Juventudes Negras com as quais dialogamos a partir de agora.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Daniilo Martuccelli (2007) salienta que as relações sociais contemporâneas tanto instigam a identificação de experiências diversas em um grupo social quanto contribui para que essas se particularizem, mesmo quando as pessoas ocupam posições sociais semelhantes. Essa interpretação problematiza o processo de singularização do sujeito produzido na modernidade e propõe operadores analíticos para a compreensão das formas pelas quais os indivíduos se constituem em relação. Nesse contexto, os aspectos identitários perpassam a socialização no interior da coletividade, isto é, a relação está ligada à produção de identificação, condição que precisa ser problematizada aquém e além da identidade.

Essa compreensão da identidade enquanto processo contínuo e nunca acabado destaca a existência de vivências e experiências sociais distintas do ser humano. Aplicando-a às Juventudes Negras, percebemos que as “provações” que cada uma e cada um em sua singularidade atravessa revelam as diferentes maneiras como os sujeitos se formam e se apresentam no mundo. Essa noção denuncia a forma reducionista de leituras e análises da experiência deste segmento no país que reduzem a relação dos territórios negros à violência,

¹³ Criola é uma organização da sociedade civil com mais de 25 anos de trajetória na defesa e promoção dos direitos das mulheres negras. Fundada em 1992, a organização atua na construção de uma sociedade onde os valores de justiça, equidade, solidariedade são fundamentais. Durante quase três décadas, a Criola reafirma que a ação transformadora das mulheres negras é essencial para o bem viver de toda a sociedade brasileira. Sua missão é instrumentalizar mulheres, adolescentes e meninas negras para o enfrentamento ao racismo, sexismo, lesbofobia e transfobia. E para o desenvolvimento de ações voltadas à melhoria das condições de vida da população negra e das mulheres negras em especial.



conforme se empenham os telejornais sensacionalistas e certas abordagens da Sociologia da Juventude.

Nesse contexto crítico, a comunicação instantânea, que tanto tem potencializado as trocas permanentes e imediatas, oferece-nos suportes para que possamos perceber outras representações e maneiras de ser desses sujeitos, a partilha de seus sentimentos, ideias, conhecimentos e os inúmeros contextos por eles e elas revelados e vivenciados. Isso porque, a propagação rápida de informações e o alto contingente de imagens que circulam diariamente alterou a noção de distância e tempo, alimentando a sensação de um mundo todo possível, acessível a todos, onde a realidade das diferenças podem e devem conviver e se respeitar, bastando apenas um “clique” para serem acessadas (CASTELLS, 2002).

A vida conectada, principalmente às redes sociais, aliada à interatividade instantânea, cria inter e variadas conexões, configurando aspectos importantes da vida social das Juventudes Negras que há pouco tempo sequer eram lembradas. Essa forma de comunicação, no entanto, precisa ser compreendida de forma crítica, pois se é verdade que ela tem permitido acesso às diferenças presentes no mundo, também tem gerado tensionamentos e crimes, como o racismo, o fascismo e a xenofobia.

Nesse sentido, abordagens teóricas que seguem perspectivas conservadoras ou críticas cristalizadas nas grandes correntes europeias e estadunidenses são aqui questionadas enquanto suportes epistêmicos de leituras subalternizadas das realidades das juventudes negras que ainda hoje encontram pouco acolhimento nos lares acadêmicos e universitários brasileiros.

PISTAS DECOLONIAIS

O acesso à cultura negra jovem e a sua rápida divulgação que se potencializa com a internet não é uma prática do século XXI, que se inicia agora com a democratização da internet e os aplicativos de comunicação instantânea. A professora Catherine Walsh (2009) aponta que desde os anos 1990 a diversidade cultural na América Latina se transformou num tema da moda. Ela ressalta que desde então o multiculturalismo, que possibilitou a ascensão da juventude negra, é um tema que está presente nas políticas públicas e reformas educativas



e constitucionais, subsidiando uns importantes eixos de trabalho, tanto na esfera nacional/institucional como no âmbito inter/transnacional.

Desse modo, embora se possa argumentar que jovens negros têm feito fama e enriquecido com a música ou futebol, práticas culturais que refletem em parte os signos de suas experiências contemporâneas, é necessário destacar dois pontos. Primeiro que essa realidade é fruto e resultado de lutas travadas pelos movimentos sociais/ancestrais e segundo que suas demandas por reconhecimento e direitos sociais, que pode ser vista também como fruto do empoderamento social desse segmento, está ligada aos desenhos globais do poder, do capital e do mercado. Por isso é importante contextualizar o debate e iluminar sua politização (WALSH, 2009).

A autora chama atenção para o fato de o marco central para qualquer contextualização se encontrar na histórica articulação entre a ideia de “raça” como instrumento de classificação e controle social e o desenvolvimento do capitalismo mundial (moderno, colonial, eurocêntrico) que se iniciou como parte constitutiva da constituição histórica da América. Nos dizeres de Quijano, (2000), “as novas identidades históricas produzidas sobre a base da ideia de raça foram associadas à natureza dos papéis e lugares na nova estrutura global de controle do trabalho” (QUIJANO, 2000).

Dessa maneira, mesmo sendo realidade a potência do *Kondzila Filmes* e a inserção de cantoras negras como popstars nacionais, cabe o questionamento dos lugares ocupados por esses sujeitos, pois o sucesso que alcançam encontra-se atrelado às pretensões do mercado, que expõe e explora o corpo sexualizado do negro, sobretudo da mulher negra jovem. A *colonialidade do poder*, nesse caso, revela a permanência da ideia que se estabeleceu e fixou no passado uma hierarquia racializada junto a colonização entre brancos (europeus/norte americanos) e mestiços, ideia essa que apagou as diferenças históricas, culturais e linguísticas de “índios” e “negros”, transformando-as em identidades comuns e negativas. É tal operação que coloca em dúvida, como sugere Césaire (2006), o valor humano desses seres, pessoas que, por sua cor e suas raízes ancestrais, ficam claramente “marcadas”. Maldonado Torres (2007) se refere a essa estratégia como “a desumanização racial da modernidade”, ou “a falta de humanidade nos sujeitos colonizados” que os distanciam da modernidade, da razão e das faculdades cognitivas.



O cotidiano das Juventudes Negras, nesse contexto, infere na dinâmica de leituras e estudos sobre esse segmento a necessidade de construirmos ferramentas investigativas que dêem conta de explicar como, apesar do lamentável cenário de racismo no país, eles têm conseguido chegar à vida adulta? Algumas pistas já foram apontadas acima. Alguns encontram na arte o veículo para expressar seus sentimentos e revoltas, uma arma contra a violência.

Nas letras das músicas, sobretudo do rap, encontramos expressas as motivações e alegrias desses sujeitos. Nos graffittis espalhados pelos centros urbanos seus talentos e críticas sociais. No plano acadêmico destaca-se uma infinidade de trabalhos de conclusão de curso, dissertações de mestrado e teses de doutoramento desenvolvidos por uma parte das Juventudes Negras que revelam suas escrevivências, indicam formas de contornar as adversidades de suas condições econômicas e étnicas e evidenciam o valor que dão às oportunidades e à vida.

É ainda possível encontrarmos nas performances corporais leves experiências de muitos que conseguem chegar à vida adulta em paz consigo mesmo e com o mundo; gratos à vida e às narrativas que compõem suas histórias. Muitos sem sofrer e sem ter sido protagonista de violências. Tais exemplos provam, conforme dissemos acima, que a violência não é uma experiência comum a todos os jovens negros, e que nem todos estão marcados para morrer.

Nesse sentido, as reflexões com os jovens que construíram este artigo indicam o quanto as representações de dor e perda, o quanto a ideia de vulnerabilidade e exposição à violência letal ocupam espaços internos e silencia as inúmeras experiências positivas. O quanto a divulgação da experiência coletiva de dor esconde as superações coletivas, as alegrias e, sobretudo, a identificação dos suportes de proteção e cuidado capazes de garantir que muitos cheguem à universidade e à vida adulta, podendo escrever um texto acadêmico como este e ser reconhecido como intelectuais. O esforço para identificar outras abordagens e leituras sobre as Juventude Negras, portanto, revela-se promissor para percebermos nuances há muito despercebidas nas histórias negras deste país.

Desse modo, embora a violência no Brasil não seja uma ação unívoca, mas fruto de conflitos diversos que a depender do território estão mais presentes e acirrados, o papel da mídia sensacionalista, muitas vezes, é o grande responsável pela propagação de determinados



estereótipos que são associados aos jovens negros, ao insistir em vinculá-los apenas às notícias de barbárie e assassinatos. O lastimável é que algumas abordagens da Sociologia da Juventude têm se convencido deste discurso ao serem intoxicadas pelas propagandas do nosso tempo.

Esta dinâmica cria uma consciência acrítica que intensifica a estigmatização das populações pobres e associa a figura dos jovens negros às atividades criminosas. Quase sempre, as imagens divulgadas de corpos estendidos no chão, assassinados de forma brutal, são de pessoas negras e jovens.

Em conversas com estudantes sobre violência e juventude negra realizadas na ocasião das ocupações da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri/UFVJM em 2016 e recentemente junto à Comissão de Implementação do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas/NEABI dessa universidade, pudemos observar o quanto a violência se faz presente no cotidiano dos jovens negros quando o discurso principal das narrativas e histórias trazidas por eles destacou variados casos de violência policial. De igual modo, nas reflexões tecidas com os jovens que assinam este texto, também estudantes da instituição, ficou evidente o quanto, ao falarem de si, priorizam as experiências de dores.

Mesmo sendo inegável que existe uma experiência coletiva de violação dos direitos civis dos povos negros trazidos pela escravidão nesses discursos, a pauperização coletiva e a violência policial sobre os jovens de cor não são as únicas experiências de destaque. O que se percebe em disputa é a dificuldade de olhar para outras lógicas capazes de alargar a compreensão sobre esse segmento, superando a orientação perversa de vulnerabilidades, pobreza e inclinação à violência que tem prevalecido nos estudos atuais que visam explicar as experiências sociais desses sujeitos. Esta abordagem destrói a autoestima negra e dificulta a identificação dos suportes de cuidado e proteção, bem como das vivências positivas por eles criadas.

Nesse ponto, ao serem indagadas, as experiências positivas deste segmento revelam ser de inestimável importância para esses sujeitos a identidade assente em uma estética negra afro afirmada. Destaca-se ainda o papel da família, sobretudo da mãe ou da avó, na formação dos jovens, além da presença da escola e igreja. Ressalte-se ainda a participação em projetos sociais desenvolvidos por ONG's em territórios negros, como a existência de escolinhas de futebol, de música e, sobretudo, da capoeira.



Outro ponto que emergiu nas conversas realizadas com os estudantes da UFVJM foi a fragilidade da política pública de juventude e segurança pública no interior de Minas, pois ficou evidente que muitos não confiam nas instituições públicas, no papel do Estado, sobretudo naquele exercido pela polícia. As ações por parte da Prefeitura igualmente não aparecem com a credibilidade para desenvolver projetos e intervenções junto aos jovens.

Assim, escutar os jovens que também assinam este artigo nos possibilita pensar sobre o regime que vive certos sujeitos sociais. Nas periferias dos grandes centros ou no interior do estado, uma parcela das juventudes negras é levada a naturalizar ações e comportamentos violentos, como se essas fossem a experiência padrão, e que inevitavelmente sua condição racial e juvenil lhes impige, mas este regime não deve continuar sendo o único.

ENQUADRANDO A SOCIOLOGIA DA JUVENTUDE

No texto *O jovem como lata de lixo da indústria do consumo*, Zygmunt Bauman expõe seu pensar sociológico ao descrever a relação existente entre jovens, grandes corporações industriais e o mercado de consumo no século XXI. Suas reflexões chamam atenção para o quanto no ocidente a inutilidade ou utilidade estratégica do segmento juvenil expõe a perda de interesses e distanciamento dos jovens como futura elite política e cultural das nações.

Bauman reflete sobre o fato de os jovens serem parte de uma população dispensável usada de forma estratégica para as necessidades dos adultos. Quando se configuram potenciais à demanda de consumo, tornam-se “um eterno suprimento de terras virgens, sem o qual a simples reprodução da economia capitalista, para não mencionar o crescimento econômico, seria quase inconcebível” (BAUMAN, 2011). A juventude, assim, é vista pelo pensador como um novo mercado a ser comodificado e explorado.

Não por outro motivo, neste século XXI, fenômenos sociais, como a violência urbana, têm revelado a necessidade de estudos que denunciem a centralidade dos jovens. No Brasil, são inverossímeis os números de homicídios, a permanência de um padrão nas vítimas, pois



sua maioria são homens, jovens, negros, pobres e solteiros (Atlas da Violência, 2018, Mapa da Violência, 2017¹⁴; PRVL, 2013).

Os jovens no Brasil, são apresentados nos estudos como peças dispensáveis, ou materiais usáveis, seja pelas grandes indústrias que os trata como mão de obra barata ou como potenciais consumidores dos subprodutos do mercado, ou mesmo pelas instituições que os classificam como soldados, ou “peões” do Crime Organizado, por exemplo. Todo esse mercado tem se especializado em recrutar jovens cada vez mais novos, com a garantia, em certa medida, de sua inserção na sociedade. Mas como descreve Alba Zaluar (2004), trata-se de uma *integração perversa*.

Essa situação descrita por Zaluar tem produzido indicadores juvenis, como os que abalizam as taxas de homicídios de 2016 que se destacam na história do Brasil. Segundo o estudo denominado *Atlas da Violência*, os números alcançaram a marca inédita de 62.517 homicídios naquele ano, o que equivale a uma taxa de 30,3 mortes para cada 100 mil habitantes. O estudo adverte ainda que a violência letal contra jovens é uma situação muito grave, pois os homicídios nesse segmento respondem por 56,5% da causa de óbito de homens entre 15 a 19 anos. Quando considerados os jovens entre 15 e 29 anos, observamos em 2016 que a taxa de homicídio por 100 mil habitantes foi de 142,7, ou uma taxa de 280,6 se considerarmos apenas a subpopulação de homens jovens (IPEA, 2018).

Ao observarmos a desigualdade das mortes violentas por raça/cor nos últimos dez anos, o estudo revela que sobre indivíduos não negros a violência letal diminuiu 6,8%, e sobre a população negra aumentou 23,1%. Assim, em 2016, enquanto observamos uma taxa de homicídio para a população negra de 40,2, o mesmo indicador para o resto da população foi de 16, o que implica dizer que 71,5% das pessoas que são assassinadas a cada ano no país são pretas ou pardas (IPEA, 2018).

¹⁴ O estudo Mapa da Violência é coordenado por Júlio Jacobo Waiselfisz sob o auspício do Instituto Sangari, do Ministério da Justiça e do Ministério da Saúde, dando continuidade a uma série de estudos com vistas a produzir indicadores acerca do tema da violência letal e da criminalidade na população brasileira. Este estudo, realizado desde 1998, vêm acompanhando e analisando a evolução da violência no país, principalmente a violência letal. Nas diversas comparações internacionais realizadas, a partir dos dados da Organização Mundial da Saúde, o Brasil sempre ocupou uma das primeiras posições em função de seus elevados índices de homicídio: país violento em uma das regiões mais violentas do mundo: a América Latina.



Embora não seja objetivo deste artigo explorar o cenário lamentável que os números atestam, os dados ajudam a delinear os caminhos que têm sido usados para falar dos jovens negros no Brasil. De modo que neste texto ao criticar essa imagem como única forma de expressão das experiências de jovens negros, buscamos trilhar outras direções e denunciar os prejuízos desta abordagem única e hegemônica. Questionamos essa prática insistente, pois, ela tem definido as representações que se formulam sobre esse segmento. Não estamos dizendo que não se deva falar do grave contexto de violência letal, o qual os jovens negros estão submetidos, mas insistir nessa experiência não ajuda a compreendermos a totalidade dessa categoria, suas diversas condições juvenis¹⁵ e experiências.

Essa abordagem compromete o processo de autoconhecimento e a identificação das estratégias de cuidado e proteção, que inegavelmente existem, e são produzidas por estes mesmos jovens, pois do contrário, o que garantiria a grande maioria dos jovens negros chegarem a vida adulta? A ideia de “juventude perdida” que tem se repetido nos estudos de envergadura nacional sobre violência denuncia a situação lastimável em que chegamos e humaniza as mortes. Crimes de homicídio podem ser evitáveis, eles entram o caminho do desenvolvimento social do país. Se temos no país leis e iniciativas políticas que visam diminuir esses indicadores junto a populações não negras, então por que não aplicá-los junto aos jovens negros? Por que não reconhecer os jovens negros como potenciais para superação da crise em que nos encontramos?

Questionamos a ideia de “juventude perdida” pois sabemos de quais jovens ela está falando. Reconhecemos que embora denuncie o cenário de extermínio sobre determinados jovens no país, também cristaliza uma imagem perversa que fortalece estigmas e dificulta a superação da violência sobre esse segmento. Ela reforça uma percepção parcial das inúmeras experiências destes sujeitos sociais, inserindo-os apenas em uma única condição juvenil e social, a de vítimas, de violentos, violentados e carecedores de ajuda.

¹⁵ A ideia de “condição juvenil” que daqui para frente será inserida neste texto, vem do latim, *conditio* refere-se à maneira de ser, à situação de alguém perante a vida, perante a sociedade. Mas também se refere às circunstâncias necessárias para que se verifique essa maneira ou tal situação. Assim, existe uma dupla dimensão presente quando falamos em condição juvenil. Refere-se ao modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida, no contexto de uma dimensão histórico geracional, mas também à sua situação, ou seja, o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia, etc. Nesta análise, permite-se levar em conta tanto a dimensão simbólica quanto os aspectos fáticos, materiais, históricos e políticos, nos quais a produção social da juventude se desenvolve (ABRAMO, 2005).



Falta dizer que a cada número de homicídio, segundo os estudos na área da saúde, existem pelo menos 08 pessoas que diretamente são afetados pela perda, que necessitam de ajuda e apoio do Estado, quase sempre omissos. Falta dizer que a morte que se reverbera e atinge familiares e outros jovens no território, exige a construção de estratégias e ferramentas de proteção e cuidado pessoal e coletivo.

Por que a Sociologia da Juventude não se esforça em estudar expertises, conhecimentos desenvolvidos nas periferias, tecnologias criadas, testadas e aprovadas que protegem a vida? Por que preferem realizar somente estudos que denunciam a vulnerabilidade e expõem os jovens negros à violência letal? Por que as Juventudes Negras são vistas e reconhecidas como parte das soluções capazes de ajudar este país a sair deste momento de crise?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que os questionamentos acima possam motivar o pensamento crítico a pensar outros caminhos investigativos e chamar a atenção da Sociologia da Juventude quanto aos prejuízos temporais e orçamentários que focar apenas no cenário negativo sobre as Juventudes Negras que contribui para uma percepção parcial da sua rica experiência no Brasil.

Nessa perspectiva, a provocação da intelectual mineira negra Lélia Gonzalez colocada em epígrafe no início deste artigo chama atenção para a importância da autoestima, autopercepção e autovalorização das narrativas positivas sobre os povos negros e desafia uma forma de viver mais plena, com mais sabor, consciência e mais serenidade. Embora a trajetória de vida dessa intelectual revele uma vida pautada na resistência, nos desafia a (re)existir e nos inspira a pensar no “bem viver”, sobretudo para os adolescentes e jovens negros e negros com os quais dialogamos.

Por fim, mesmo sendo perverso e inaceitáveis os desdobramentos do racismo sobre a população negra, mesmo as condições sociais ainda se apresentarem desfavoráveis para as Juventudes Negras, não reconhecemos mais essa narrativa como a única capaz de captar a experiência desse segmento e não aceitamos que seja apenas essa mensagem a que se ecoa no país.

Os corpos negros e jovens que sempre estiveram em lugar de destaque nas prioridades das violências no país, sobretudo nos homicídios, tem formado uma geração tímida, cuja existência encontra-se pautada no medo de ser violentado seja pelo Estado ou por bandidos, desenvolvendo doenças graves, mas esse quadro pode ser revertido. O tempo da inocência acabou, é hora de pautamos em outras motivações, é hora de bebermos em outras fontes, sejam elas teóricas/epistêmicas ou práticas/empíricas, de forma a garantir uma existência com saúde e sem racismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. *Sobre educação e juventude*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

CANO, I; RIBEIRO, E. *Homicídios no Rio de Janeiro e no Brasil: dados, políticas públicas e perspectivas*. In: CRUZ, M. V. G.; BATITUCCI, E. C. (ORG). *Homicídios no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2007, p. 51-78.

CASTELLS, M. (2002). *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*. Vol. I, *A Sociedade em Rede*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Castells, M. (2003). *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*. Vol. II. *O Poder da Identidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

GONÇALVES, L. A. O. JUNIOR. E. A. P. COUTINHO. F. A. ONAILUJ. G. P. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores e Pesquisadoras Negras/ABPN • v. 11, Ed. Especial - Caderno Temático: Raça Negra e Educação 30 anos depois: e agora, do que mais precisamos falar? onde refletimos sobre Acesso de Negras e Negros à Pós-Graduação*. 2019.

GONZALEZ, L. *Heróis de Todo Mundo. A cor da Cultura*. Fundação Roberto Marinho. Disponível em: <<http://antigo.acordacultura.org.br/herois/episodio/leliagonzalez>>. Acessado dia 12//2018.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. *Atlas da Violência 2018*.

MALDONADO-TORRES, Nelson. *Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto*, en *El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémico más allá del capitalismo global*. Santiago Castro-Gómez y Ramón Grosfoguel (eds.). Bogotá: Siglo del Hombre, 2007a, 127-168.

MARTUCCELLI, Danilo. *Gramáticas del Individuo*. Buenos Aires: Losada, 2007.

ONAI LUJ, J. G. P. *Juventude negra: uma perspectiva decolonial*. III Congresso Nacional de Educação/CONED. Rio Grande do Norte. Editora Realize 2016.

PRVL – *Programa de Redução da Violência Letal Contra Adolescentes e Jovens*. 2013. Disponível em: <<http://prvl.org.br/>>. Acessado dia 08/07/2018.



QUIJANO, Aníbal. “Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina”, en Edgardo Lander (comp.) *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales*. Perspectivas latino-americanas, Buenos Aires: CLACSO, 2000, p.201-246.

WASELFISZ, Julio Jacobo. *O Mapa da Violência 2016 – Homicídios por armas de fogo no Brasil*. Instituto Sangari. São Paulo. 2016.

WALSH, Catherine. *Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas*. Quito: Abya Yala, 2009.

XAVIER, Lúcia. Palestra: *Harmonização de conceitos e abordagens 1: a construção dos sujeitos políticos no enfrentamento dos diferentes eixos de subordinação*. Brasil/DF 2012.

ZALUAR, Alba. *Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

Recebido 30/11/2019

Aprovado em: 30/01/2020